



MATURANA, UMA UTOPIA POSSÍVEL!

Juares Soares Costa(*)

No início dos anos 70, eu era um estudante do curso de Medicina e tive contato com o livro de Arthur Koestler, **"O fantasma na máquina"**. A partir da teoria da evolução e baseando-se, entre outras fontes, em estudos biológicos, o autor desenvolveu a tese, depois muito difundida, de que o ser humano seria um erro da evolução e, conseqüentemente, seria inviável enquanto projeto. A presença em nossa estrutura cerebral de vestígios do que ele denominou de cérebro réptil, seria a explicação para a agressividade humana e para os atos anti-sociais destrutivos. Enfim, em conseqüência deste erro evolutivo, o ser humano acabaria por destruir a si mesmo e ao planeta. Uma visão extremamente pessimista. Coincidência ou não, Koestler suicidou-se em 1983, juntamente com sua esposa...

Estávamos no início dos anos 70, e ainda ouvíamos os ecos das palavras de ordem dos anos 60: **Paz e Amor, Faça amor e não a guerra, Liberdade, É proibido proibir**. O projeto de um mundo mais livre, igualitário e pacífico começava a ficar mais distante. A Ciência ajudava a desqualificar os sonhos de amor e solidariedade, reduzindo-os a gritos infantis dos jovens hippies, que também um dia envelheceriam e compreenderiam a terrível verdade: o homem seria o lobo do homem. Nesta época, li uma reportagem na revista americana Time, **"A geração centrada em si mesma"**, que já anunciava a chegada de uma geração individualista e competitiva, que nos anos 80 e 90 ficou conhecida como os yuppies, jovens profissionais urbanos buscando o sucesso a qualquer preço e adeptos de um consumismo desenfreado. Uma postura diante do mundo que continua muito presente até hoje. Muitos nos perguntamos então: **O sonho acabou?**

Nesta mesma época, um cientista chileno, o biólogo Humberto Maturana, juntamente com um ex-aluno seu, Francisco Varela, davam forma a uma das mais revolucionárias teorias do século XX e do século emergente: **A TEORIA DA AUTOPOIESE**. Inicialmente interessados em estabelecer uma teoria que pudesse definir o que é um ser vivo, e também em estudos sobre a cognição, Maturana e Varela descobriram a relação intrínseca entre **VIDA e CONHECIMENTO: Viver é conhecer, é relacionar-se, é estabelecer vínculos de cooperação**. Vínculos amorosos! **Autopoiese** significa **"gênese de si mesmo"**. Os dois cientistas demonstram que, em última instância, o que diferencia os seres vivos dos não vivos, é a **organização autopoietica**, ou seja, a capacidade de participar de sua própria criação.

(*) Médico, psiquiatra, Terapeuta Sistêmico, Diretor do Instituto de Terapia de Família e Comunidade de Campinas. Fone-fax 19xx32422823
e-mail: juares@scosta.med.br



Em função da estrutura e da organização dos seres vivos, é impossível qualquer tipo de interação do tipo instrutiva, ou seja, é impossível que o meio ambiente ou um ser vivo unilateralmente, possa determinar o que acontecerá dentro do organismo de outro ser vivo. Somos todos, da bactéria ao homo sapiens, **seres determinados estruturalmente**.

Só são possíveis relações que possibilitem um encaixe, um acoplamento estrutural. No entanto, esta estrutura não é fixa, estática; o ser vivo muda ao longo de sua vida, em consequência das relações, repetidas que mantém com outros seres vivos e com o meio ambiente. Portanto, a estrutura, que não é apenas orgânica, muda, mas permanece a organização.

Maturana e Varela retomam a teoria da evolução. Reafirmam o que Gregory Bateson já havia dito a respeito das idéias de Darwin e que, infelizmente foram tão mal compreendidas. A evolução propicia a sobrevivência do organismo em interação com o meio ambiente. Não é o mais forte (the strongest) que sobrevive, mas a unidade organismo e meio ambiente mais adaptados, mais encaixados (the fittest). Não há evolução ou sobrevivência de organismos isolados, mas apenas dos organismos em relação com o meio e vice-versa. Quando estas características estruturais modificadas permanecem ao longo de gerações de uma linhagem, temos, então, uma herança, um processo histórico. E não são apenas as características genético-cromossômicas que são passadas de geração a geração, mas também as formas de relacionar-se. Assim, da estrutura e organização dos seres vivos, fazem parte não apenas aspectos biológicos, mas também as formas de condutas, aqui entendidas como sendo as *"mudanças de postura ou de posição de um ser vivo, que um observador descreve como sendo movimentos ou ações em relação a um ambiente determinado"*. (1). Quando se dão acoplamentos estruturais recorrentes entre organismos que têm sistema nervoso, se dá um processo especial, que são os FENÔMENOS SOCIAIS. E por sociais entendam-se apenas as interações que se dão entre seres vivos, especialmente os humanos, aqueles em que se conserva uma emoção básica.

Maturana diz que tudo que fazemos, todas nossas condutas, mesmo aquelas que chamamos de racionais, dão-se sob o domínio básico de uma emoção, que ele denomina AMOR. Não o Amor místico, transcendental ou divino, e também não uma virtude especial de alguns poucos, mas uma **Emoção**, uma disposição corporal que nos possibilita algumas condutas e outras não e que funda o humano.

Ainda segundo Maturana, o Ser Humano surge quando se juntam uma série de características estruturais e organizacionais: o convívio em grupo, baseado na ajuda e proteção mútuas, o compartilhamento dos alimentos, o cuidado e proteção dos filhotes, e o prazer sensual e sexual da convivência entre machos e fêmeas, independentemente da reprodução. Todo este processo dá-se dentro da Linguagem. E Linguagem aqui significa muito mais do que o verbal.

Resumidamente, é disto que fala a BIOLOGIA DO AMAR. E aqui usamos o verbo Amar, ao invés do substantivo Amor, pois **Amar pressupõe a ação de alguém**. O Amor para Maturana é uma ação, uma atitude, onde



o OUTRO É ACEITO COMO LEGÍTIMO OUTRO NA CONVIVÊNCIA. Nas palavras do próprio Maturana, temos: "O amor não é um fenômeno biológico eventual nem especial, é um fenômeno biológico cotidiano. Mais que isto, o amor é um fenômeno biológico tão básico e cotidiano no humano, que freqüentemente o negamos culturalmente, criando limites na legitimidade da convivência, em função de outras emoções. (...) A emoção que define o que chamamos de relações sociais é o amor, porque as ações que constituem o que chamamos de social são as de aceitação do outro como legítimo outro na convivência. (...) Nem todas as relações humanas são do mesmo tipo." (2) Relações que não se baseiam na aceitação do outro como legítimo outro, não são relações sociais. As relações de trabalho, por exemplo.

A esta altura, as tradicionais divisões e separações entre biológico e cultural, individual e social, emoção e razão, não fazem mais sentido.

Somos seres basicamente amorosos, em função de nossa organização e estrutura, mas vivemos em uma cultura patriarcal que nega nossos fundamentos amorosos, matriarcais.

Não nascemos sabendo fazer discriminações raciais, culturais ou de gênero. As crianças naturalmente se aceitam, independentemente de raça, classe social ou religião. Toda intolerância é consequência de um aprendizado cultural e social.

E quem diz isto agora é um BIÓLOGO, que nos mostra que o que já foi chamado de utopia é apenas uma coerência com nossa biologia: A BIOLOGIA DO AMAR.

Se aceitamos esta forma de ver o mundo e os seres vivos, se não negamos os fundamentos amorosos do humano, então vemo-nos obrigados a repensar todas nossas relações com outras pessoas, outros seres vivos e com nosso meio ambiente. Até nossas práticas profissionais precisam ser revistas. Em que emoção se baseiam?

Como ficam a Educação, as Psicologias e as Terapias, as Relações de Trabalho nas Empresas, as Questões Ambientais, as Práticas de Saúde? Vamos refletir sobre estas questões nos textos seguintes. Por enquanto, ficamos com as novas possibilidades que Maturana nos traz.

Muitos podem dizer que estas idéias constituem uma nova utopia. Pode ser que seja uma utopia, mas "com a vantagem que já nasce sem oposições (...) uma utopia que finalmente permite aos seres humanos se reencontrarem consigo próprios, reencontrando-se entre si". (3). E como disse um outro poeta, talvez sem saber que estava de acordo com as idéias de Maturana sobre a construção conjunta da realidade: **"Sonho que se sonha junto, não é sonho, é realidade"**. (4)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Maturana e Varela, A Arvore do Conhecimento, ed. Palas Athena
- 2- Maturana, Emoções e linguagem em e educação e política, Ed. UFMG, 2002
- 3- Rabelo, A., prefácio de Emoções e linguagem...., Ed. UFMG, 2002
- 4- Raul Seixas